



GT 06 | Participação Social, Autoritarismo e Disputas pelo Direito à Cidade no contexto do neoliberalismo

SKATE, UMA ARTICULAÇÃO SOCIOESPACIAL URBANA: O CASO DO “CLANPINAS”

Fellypi Dorneles de Faria¹
Wagner de Souza Rezende²

1 INTRODUÇÃO

A busca por espaços de convivência que extrapolam a redução da vida humana ao fluxo “casa, escola, trabalho” é uma constante nas discussões sobre o direito à cidade. Esse fluxo, induzido pelo modo de produção capitalista nas grandes cidades, leva a uma distorção do modo de viver ao facilitar apenas as tarefas indispensáveis para a manutenção do sistema, o problema se materializar com a produção de espaços que garantam a realização do capital ao invés de qualidade de vida para seus usuários. Como consequência sistemática, é possível verificar uma carência de espaços para a convivência que promovam o encontro e o lazer na cidade. Nesse sentido, trataremos neste, o tema da prática do skate com o objetivo de analisar o seu papel enquanto uma ferramenta de articulação de interações socioespaciais que garantam a realização do direito à cidade.

É importante notar que não se trata aqui de espaços privados, como pistas de skate capitalizadas, os quais advogam contra o direito visado ao estabelecerem réguas econômicas sobre quem pode ocupá-los além de lucrarem sobre a própria carência espacial urbana ao venderem as privatizações como a única opção viável de encontro e esparecimento na cidade - como ocorrem nos “rolês” em shoppings ou no crescente uso de academias como lugar de encontro e socialização. Ao observar a prática do skate, focamos nas táticas de apropriação de espaços públicos (ou mesmo espaços privados, quando na situação de abandono em descumprimento de sua função social) executadas por skatistas na intenção de socializar e se divertir mesmo nos locais em que a cidade não planeja receber a prática do skate.

¹ Mestrando, Universidade Federal de Goiás, fellypifaria@discente.ufg.br.

² Doutor, Universidade Federal de Goiás, wagnerrezende@ufg.br.



A presente pesquisa, realizada em um recorte espacial de cinco pontos de encontro utilizados pelo skate em Goiânia, consiste em uma etnografia conduzida pela prática participativa junto a diversos skatistas em suas apropriações nos cinco espaços escolhidos por sua relevância para a cultura do skate em Goiânia. Dentre os mais de 80 skatistas entrevistados e os cinco pontos adentrados, trataremos aqui de um lugar e dez skatistas em específico. Esse recorte busca apresentar as táticas de apropriação de um espaço que além de não ser construído para o skate é repudiado pelos demais cidadãos devido a presença de pessoas em situação de rua e de usuários de drogas. Uma junção de fatores que não impediu a apropriação de uma das poucas praças de um dos maiores polos comerciais de Goiânia, o Setor Campinas.

2 A QUADRINHA DE CAMPINAS

Desde 1999, um grupo de skatistas se reúne na pequena praça do ginásio do Setor Campinas em Goiânia, o espaço hoje conhecido como “Quadrinha de Campinas”, veio de uma conquista (não institucionalizada) dos skatistas que ressignificaram o uso de uma quadra poliesportiva em um espaço para o skate, dada a pavimentação propícia para tanto. A praça conta com bancos e mesas em concreto além de desníveis com escadarias e uma quadra de esportes a céu aberto, inicialmente pensada para as práticas de futebol e basquete. O mobiliário urbano chamou a atenção de skatistas que após alguns anos de apropriação dos desníveis e da pavimentação lisa da quadra começaram a autoconstruir obstáculos, zelar e reformar a praça para melhor atender à prática do skate.

Sobre o início da prática em 1999, o skatista local de 38 anos Moacir “Juninho” conta:

“[Sobre a quadra em 1999] Era liso, liso, não tinha nada. Na verdade o que tinha aqui, o que a gente dividia aqui era com o basquete “né”. Tinha uns aros aqui e a galera jogava basquete aqui, a gente até andava com eles aqui, os cara andava de skate, a gente era bem unido aqui.(...) Aqui tinha um cara que ele levava nas costa o basquete que era o “Negão”, ai depois que ele morreu a galera afastou e ai caiu os aros, igual a quadra tá hoje. Aqui a quadra só não tá mais abandonada porque a gente cuidou dela aqui, mas ai os cara foi sumindo. Aí apareceu uma galera aqui do futebol, só não vingou



muito porque eles fizeram uma quadra ali em baixo e a quadra ali é boa tem iluminação e a galera vazou para lá e deixou nós aqui no skate.³

Complementamos a discussão com a fala de Bruno “Bruninho” Fernandes (2021, informação verbal), skatista local desde 2001, sobre a construção dos obstáculos na quadrinha em meados de 2010: “Aqui não tinha nada mesmo, a gente mesmo que construiu (...) primeiro foi o corrimão, depois o palquinho no meio, aí lançou outro palco, a pirâmide e foi a gente mesmo aqui que se uniu e fez”.

Essas pequenas ações de uso e apropriação foram articuladas por uma ferramenta, não só de lazer como também de sociabilidade e experimentação urbana: o skate. Uma prática que adentrou o cotidiano dessas pessoas de tal maneira que os conduziram a criar o seu próprio espaço em um momento em que a cidade de Goiânia não oferecia nenhum suporte para a prática do skate. Destacamos aqui a atuação desses skatistas, frente à garantia do seu direito à cidade, ao operar por meio da *tática* em detrimento do tradicional caminho estratégico de planejamento urbano por manifestação e representação, assim como descrito por Michel de Certeau⁴: “Ela [*tática*] opera, golpe por golpe, lance por lance (...) O que ela ganha não se conserva (...) Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário”.

Nesse sentido, entende-se que o espaço da “Quadrinha de Campinas” apesar de ser oferecido à população através da posse institucional do Estado de Goiás, como uma quadra de futebol e basquete, é apropriada por uma atividade outra que se instaurou espontaneamente e construiu uma história cultural que é mantida pela presença do corpo skatista no local por mais de 20 anos. Bruno Fernandes e Moacir Junior Marques (2024) ainda contam que cada obstáculo foi construído durante as madrugadas para não incomodar a força policial estatal e assim “lance por lance” ambos os skatistas continuam ativos no local, de forma a conservar o espaço do skate por décadas.

³ Informação concedida pelo skatista local Moacir “Juninho” Junior Marques em entrevista realizada em 11/12/2021.

⁴ CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. 22ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 94.



2.1 As Construções Socioespaciais Articuladas Pelo Skate na Quadrinha

Uma das marcas na história da quadrinha é a organização social dos skatistas locais autointitulada “Clanpinas”. Juntos Baltazar Rodrigues; Ythalo Cardoso; Maurício “Mauricinho”; Júlio da Paz; Túlio “Tulioman” Correa; Bruno Rogério; Bruno “Bruninho” Fernandes; Samuel Anjiko; Pedro Henrique; Ricardo Belle; Moacir “Juninho” Marques; e Danilo “Chico” Barros; começam a registrar suas vivências e manobras no ginásio de Campinas em um documentário amador intitulado “Clanpinas Doc.” no qual cada membro ganha um episódio postado no canal dos membros Ythalo Cardoso e Júlio da Paz na plataforma de vídeos online youtube. O “documentário de manobras” foi produzido por Júlio da Paz e completou no final de 2022 dez anos desde o primeiro episódio.

Para além da organização social e da documentação e produção em vídeo, o membro Ythalo Cardoso avança, também através do skate, rumo a práticas educativas como professor de skate:

Eu dou aulinha de skate para crianças e adultos por uma parada que eu desenvolvi que chama “Cultura Skateboard”. Que é uma ideia de ensinar skate, mas não só skate, manobra e “tal”. É uma ideia de que você pode andar de skate e aprender a cultura do skate, tipo, o que a nossa vivência tem para oferecer assim... nossos valores “tá ligado!?” nossas ideias.⁵

3. CONCLUSÃO

Práticas como essas revelam as articulações socioespaciais realizadas através do skate. Um espaço cultural que persiste por décadas, mesmo dentro de um sistema que induz a produção de espaços estéreis subjugados aos interesses do capital. Desde o início, nas amizades que surgiram por um lazer em comum; passando por todas táticas de produção espacial sobre a Quadrinha; à organização social que ganha um título e documentações amadoras próprias; e até mesmo um projeto de ensinar a cultura do skate para as crianças; é observado um processo de realizações coletivas que garantiram a manutenção - não institucional - de direito reivindicado na prática do próprio espaço público.

⁵ Informação concedida pelo skatista Ythalo Portela Cardoso em entrevista em 11/12/2021.



Portanto, através do caso em estudo, verificou-se uma maneira pela qual a prática do skate articulou a criação de um espaço de desejo coletivo dos cidadãos. O método desses skatistas, desassistidos pela ordem burocrática, foi a tática de inserção do próprio corpo no espaço público e a autoconstrução de um espaço de expressão cultural e de lazer através do skate. Um espaço que se mantém mesmo sem nenhum incentivo Estatal ou do capital, como uma prova da importância dos espaços de encontro (mesmo dentro de um dos maiores setores comerciais de Goiânia) para a manutenção da vitalidade das cidades e da garantia dos direitos de seus cidadãos.

REFERÊNCIAS

BORDEN, Iain. **Skateboarding, Space and the City: Architecture and the Body**. Oxford, England: Berg, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. 22ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Tradução de Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000), 2006

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução: Rubens Eduardo Frias. 5. Ed. São Paulo: Centauro, 2001.

MACHADO, Giancarlo. **A cidade dos picos: a prática do skate e os desafios da cidadania**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **“Etnografia como prática e experiência”**. *Horizontes Antropológicos*, 15 (32):129-156, 2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021